

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação Social

Memória de produto audiovisual
Um filme curta-metragem documentário

Lúri Lopes

Projeto de curta-metragem em Documentário:
MARCHA DA MACONHA – DF – O Documentário
O debate sobre a descriminalização da *cannabis-sativa*.

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FAC
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

Brasília – DF

2012

Lúri Lopes

Projeto de curta-metragem em Documentário:
MARCHA DA MACONHA – DF – O Documentário
O debate sobre a descriminalização da *cannabis-sativa*.

Trabalho de Memória de Produto e Pesquisa apresentado na Disciplina
de Projeto Experimental em Audiovisual como requisito básico para apresentação de
Trabalho de Conclusão de Curso na Faculdade de Comunicação Social com
habilitação em Audiovisual

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FAC
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

Brasília – DF

2012

SUMÁRIO

1. RESUMO	5
2. INTRODUÇÃO	7
3. JUSTIFICATIVA	9
4. OBJETIVOS	12
Objetivo geral	12
Objetivo específico	13
5. METODOLOGIA DE PRODUÇÃO	14
Pré-produção	14
Produção	17
Pós-produção	20
6. CONCLUSÃO	23
7. AGRADECIMENTOS	24
8. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS	25
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1. RESUMO

O presente trabalho objetiva a discussão do projeto de curta-metragem em documentário sobre a Marcha da Maconha que acontece anualmente em Brasília e seus desdobramentos, ideias, embates jurídicos, o diálogo organizado pela sociedade civil sobre o assunto da legalidade ou não de algumas drogas entre outros temas relacionados a atual política de drogas no país, em especial o uso medicinal, ou recreativo da *cannabis-sativa*. Não cabe aqui um estudo aprofundado sobre os temas discutidos durante o transcorrer do evento.

A proposta é discursar sobre a produção do documentário, que mostra o percurso da caminhada pela descriminalização e aceitação da maconha como uma substância legal aos olhos de toda a sociedade. Mostrar também os bastidores da comitiva que leva a frente os argumentos e reivindicações desse movimento descentralizado que ocorre no Brasil como em outros países.

A intenção é um registro em documentário da história da Marcha que começou, alguns argumentos e embates enfrentados até o ano de 2013.

A ideia central é explicar como foi desenvolver uma narrativa que dialogue com a realidade neste projeto de documentário do Movimento da Marcha da Maconha que ocorre todos os anos desde 2008.

Mostrar a liderança de alguns grupos, chamados coletivos, que levam a frente reivindicações da sociedade civil organizada referente à descriminalização ou legalização do uso da *cannabis-sativa*, por meio da mobilização social que levanta as causas e argumentos que acalora o debate neste evento coletivo e social. Reivindicando o direito ao uso de *cannabis-sativa* perante a Sociedade, o Governo e grandes grupos corporativos que controlam a indústria do tabagismo.

O movimento é de todos que participam – coletivos, manifestantes, apoiadores e simpatizantes pela causa – e não de um único grupo, mas se configurando como um único movimento que segue um percurso que vai da Catedral de Brasília na concentração inicial até a Praça dos Três Poderes em sinal de protesto e festejamento, retornando ao Museu Nacional onde se conclui a confraternização. Em

meio a tudo, é possível observar grupos que levam a causa adiante em clima de festa e bom-humor.

A boa música do trio-elétrico ou do “*aparelhinho*” carrega a atenção e olhares de todos que passam próximo à Marcha da Maconha, e entretêm as pessoas que acompanham voluntariamente a Marcha da Maconha em sinal de protesto e reivindicação.

2. INTRODUÇÃO

A ideia desse projeto consiste na produção de um curta-metragem em filme-documentário com duração de 20 minutos, desenvolvendo uma análise do processo de criação e produção artística e intelectual aplicada a este tipo de produção fílmica em documentário.

Este trabalho de memória está organizado em três pilares principais de **metodologia de produção** – em que pode ser desenvolvida uma metodologia acerca dos processos de criação, que envolve o desenvolvimento de um filme documentário que conte a história sobre a Marcha da Maconha de Brasília. Acompanhada durante alguns anos. Foram três etapas de gravação: pré-produção, produção e pós-produção.

Para começar este projeto é importante entender o método de produção de um filme documentário, que objetiva o registro da realidade. Antes alguns pontos são necessários serem ressaltados: Que realidade é essa? De que realidade se quer falar? A realidade vivida por quem está envolvido em um assunto determinado, interpretado pelo olhar da pessoa que faz o registro. Para isso é fundamental que o autor ou documentarista se utilize do recurso da observação da realidade enquanto é feito o registro, um olhar atento aos assuntos mais relevantes dentro do tema que se quer abordar.

A observação não é um recurso apenas do documentário, mas do trabalho de autor em geral, o trabalho realizado nas artes. O que difere é uma perspicácia aguçada e um envolvimento com uma realidade vivida no mundo, exterior a realidade do autor, que recebe voz no interior do cinema, como outros estilos fílmicos, mas que são dotados de uma *mise en cene* pré-estabelecida e ditadas pelo interior, pela força imaginativa do autor que constrói a cena a partir da realidade vivida por ele, mas que não carregam o compromisso com a verdade do que acontece. Nos filmes de ficção a verdade é do autor. Nos documentários a verdade é da realidade? O autor ou autora documentarista não é isento da responsabilidade do olhar, a construção se dá em volta do tema, o filme não é produzido fazendo grandes intervenções no set (como ocorre na literatura cinematográfica de ficção), por isso é imprescindível o

exercício da observação e do olhar atento ao rumo que a realidade caminha em relação ao tema ou argumento proposto para realização do filme pelo autor.

O roteiro não é determinado pelo que acontece na gravação, mas pela pesquisa e planejamento da gravação relativo a um tema. É evidente que intervenções são feitas, mas são mínimas para que não sobressaiam ao relato de um acontecimento ou um acontecimento em si. Roteiro não determina o que a pessoa vai dizer, mas o assunto a ser tratado pelo filme, em primeiro lugar. Em segundo lugar, ao longo das gravações podem ocorrer imprevistos para os quais o autor do documentário precisa estar atento. Alguns fatores interferem na gravação, como tempo e ambiente. Tempo total disponível para se fazer a gravação, tempo disponível de gravação de relatos de possíveis entrevistados ou personagens, o som ambiente e o clima. Estes são fatores externos que influenciam a produção do filme durante as gravações. Os fatores internos são humor e envolvimento.

Assim, é possível inferir que o roteiro no documentário é o roteiro do percurso que o(a) documentarista se propõe a fazer durante a captação do material imagético e sonoro do filme.

Palavras chaves: Liberdade de expressão, descriminalização de drogas, processo de criação, etapas de produção,

3. JUSTIFICATIVA

O que justifica a produção do filme é a relevância do assunto discutido na Marcha da Maconha e a importância do acontecimento do ato, dada a magnitude. Sendo um fato com previsão de acontecer, pode ser feito um planejamento da gravação. Sabendo da relevância entende-se o valor-notícia do documentário em filme, devido ao caráter de livre organização da sociedade civil, que é de interesse público.

Outra motivação era a possibilidade de se trabalhar com a produção de um documentário com imagem em movimento e som, pela sequência de imagens sucessivas. Uma vivência na realização de um documentário que possibilitasse uma experiência estética da realidade. Ou registro das falas de um momento da história, que acontece na realidade, que conte uma história do que aconteceu e acontece.

Breve histórico sobre os conflitos civis que defendem a *cannabis-sativa*

Muitos são os grupos da sociedade, os chamados coletivos, que ao longo dos anos se organizaram com a função de continuar a discussão que acalora o debate na sociedade civil sobre a descriminalização das drogas, popularmente estabelecidas pelas regras normativas como ilegais. E não é de hoje que giram conflitos civis em torno do que diz respeito a *cannabis-sativa* a começar pela produção de fibra de cânhamo. É recorrente o assunto ser tratado nos veículos de comunicação de massa, rádios, revistas e filmes em diferentes perspectivas, enfoques e abordagens, ao se debruçarem sobre o tema, desde as guerras civis por causa do cânhamo ao uso em rituais, ou mesmo o uso recreativo, até os estudos mais recentes no campo terapêutico.

Em meio a esse mergulho fotográfico neste documentário imagético (já que podem existir documentários não imagéticos) cabe ressaltar os trechos em que há as entrevistas que tecem a história da Marcha da Maconha no DF debate sobre o uso da *canabbis-sativa* ao longo desses anos, mostrando as reivindicações, argumentos e ideias das pessoas que trabalharam, trabalham e venham a trabalhar

na causa deste movimento de mobilização social que luta por um objetivo comum, a legalização ou descriminalização da maconha ou *cannabis-sativa*.

O tema se estende pelos meios de comunicação de massa. O cinema é uma desses meios. O tema da *cannabis-sativa* em si já foi abordado em documentários, filmes de ficção e reportagens de televisão devido sua importância. Em quase todas as produções há direta ou indireta a presença dessa questão sobre o debate pela descriminalização das drogas, que neste filme emerge diretamente em um movimento realizado pela sociedade civil traduzido em imagens em movimento e som, na proposta de um cinema documentário.

A proposta neste trabalho é a produção de um curta-metragem em filme-documentário com 20 minutos de duração que possa lançar uma luz sobre a questão da apologia, a luta pacífica pela liberdade de expressão e a descriminalização das drogas. Primeiro argumento apresentado é o de Cabrera que assim justifica a própria produção do filme, a elaboração de uma defesa de um argumento pela legalização da maconha através da ideia estética e plástica do filme em si.

Os filósofos cinematográficos sustentam que, por meio dessa apresentação sensível impactante, são alcançadas certas realidades que podem ser defendidas com pretensões de verdade universal, sem se tratar, portanto, de meras impressões psicológicas, mas de experiências fundamentais ligadas à condição humana, isto é, relacionadas a toda humanidade e que possuem, portanto, um sentido cognitivo. (CABRERA, 2006, p. 20)

A produção deste documentário justifica-se primeiro pela relevância dos temas já propostos pelo próprio evento em si. E pela importância deste tipo de registro para

contar a história da Marcha da Maconha, através do registro audiovisual de alguns momentos dessa passeata nacional pela descriminalização das drogas que ocorre todos os anos na Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

4. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Além da primeira causa pela legalidade são registrados, através das entrevistas, do acontecimento, argumentos e questões dentro do tema, um registro em documentário curta-metragem que mostre os acontecimento como se sucederam durante alguns anos. Dessa maneira em 2008 e 2011 foi proibida de acontecer, sendo realizado no primeiro ano a manifestação, sendo apelidada de Marcha da Pamonha, a pretexto de uma repressão ao evento organizado informalmente em local público, em 2011, ocorre a Marcha pela liberdade expressão, um recurso legal que organizadores conseguiram, no segundo ano de proibição, para que a Marcha pudesse acontecer. Só em 2013 que a manifestação pode ocorrer com algum avanço, quando foi realizado o *“1º Congresso Internacional sobre Drogas – Lei, Saúde e Sociedade”*.

Este projeto tem por objetivo a realização de um documentário com uma duração de 20 minutos que resgate o debate sobre a legalização das drogas e mais especificamente neste documentário da *cannabis-sativa*, popularmente conhecida no Brasil como maconha.

Objetivo Específico

Produção de um curta-metragem registrando a história da manifestação e dos bastidores da Marcha da Maconha em Brasília.

Deixei em aberto algumas variações relativas ao imprevisto, no que diz respeito principalmente na etapa de pré-produção e filmagem, com a finalidade de se chegar a um resultado fluido em relação aos movimentos de câmera e ao registro em si, de uma experiência estética que fosse resultado de um desenho de uma paisagem em movimento desse momento histórico, capturado pelas lentes de 3 fotógrafos cinematográficos, e da montagem e edição do curta-metragem, de recursos de montagem e edição (ritmo, continuidade, fusão de sons e imagens, coloração) que leve a reflexão na construção da narrativa da síntese cinematográfica do cinema-verdade através desse filme-documentário da Marcha da Maconha, um olhar sobre a realidade de reivindicações de mudança na atual política de controle de drogas.

5. METODOLOGIA DE PRODUÇÃO

PRÉ-PRODUÇÃO

Entendendo a narrativa como um jogo de palavras

A pré-produção do filme começa no argumento. O início da ideia. Um tema ou proposta de gravação. Um parágrafo que direcione o foco do assunto. Um fio condutor da história que se quer contar ou ver desenrolar em frente ao olho sintético da câmera, frente a lente, íris e obturador, recursos da reprodução da imagem em fotografia e som, em caráter quase sinestésico. Mas para que isso se realize antes é necessário um texto que conduza a linha narrativa do documentário previamente à montagem, basicamente um pretexto que dê a partida inicial às gravações.

Argumento

Registrar a Marcha da Maconha em Brasília, mostrando a realidade do que acontece durante o percurso da caminhada no primeiro ano de mobilização e alguns anos subsequentes. De modo a entender as dificuldades enfrentadas, evolução, e articulações feitas para que a realização do ato pudesse acontecer, tendo em vista que já havia uma previsão de proibição da manifestação.

Basicamente o que o filme mostra, além de um ensaio lírico fotográfico e sonoro, que anterior a questão da proibição do uso da *cannabis-sativa* em si houve uma proibição da discussão e expressão de opinião em razão da proibição do uso, entre outros assuntos relacionados, o uso, o cultivo, a lei. A proibição da Marcha foi a maior das dificuldades que o movimento enfrentou, o que tornou-se assunto relevante a ser tratado pelo documentário.

Nesta etapa da realização do documentário há preparação das gravações, quando são feitos os ajustes finais em relação à disponibilidade de equipamentos e da equipe para começar e continuar a produção do filme.

Esta etapa de pré-produção foi realizada mais de uma vez. A primeira vez em 2008, e a segunda, em 2011, com uma preparação anterior a própria pré-produção, entendendo a importância do papel social do cinema documentário.

O trabalho do documentarista como formador de opinião, de informar ou descrever através de imagens um assunto conduzido por um tema relevante assim como faz um jornalista, um radialista, um apresentador de TV, um produtor musical ou qualquer diretor de qualquer área da Comunicação Social, é em si um trabalho de síntese e é parte da esfera pública de informar.

As gravações começaram em 2008 com um argumento que foi proposto por mim, Elias Guerra, Geovani Taveira, Ig Uractan e Laisa Fioravante durante a aula de Documentário na Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília e prosseguiram com este mesmo grupo, que compôs a equipe do primeiro ano de gravação.

Inicialmente foi numa apresentação de proposta de documentário na matéria Documentário 1, ministrada pelo professor Marcos de Souza Mendes, quando tive meu primeiro contato formal com a linguagem cinematográfica do documentário. Na aula foi proposto aos alunos que reunissem em grupos de estudos e que cada grupo faria uma proposta de argumento para realização de uma ideia de documentário. Então, Elias Guerra, Geovani Taveira, Ig Uractan, Laisa Fioravante e eu formamos um grupo. Naquela época era mais um rascunho de ideia de argumento, que um projeto experimental realmente estruturado, mas que de muito valia para nós que estávamos começando arriscar nossas primeiras gravações na linguagem documental. Lá tivemos nosso primeiro contato com este tipo de linguagem cinematográfica. Desde de *Nanook* de Robert Flaherty, passando pelo *Homem da Câmera* de Dziga Vertov, até os documentários que emergiram dos anos 2000 pra cá.

Fomos para as gravações: eu na câmera, Elias no som, Geovani pautando as entrevistas e Laisa na produção.

Estávamos bastante satisfeitos com o material que havíamos produzido, mesmo que isso ocorresse de maneira empírica. Apesar da satisfação num primeiro momento, observamos que o filme ainda não estava concluído. Dada nossa breve experiência, naquele momento, fazia-se necessário esperar que a ideia do documentário amadurecesse quanto ao rumo que iria tomar nos próximos anos.

Após esse período de pré-produção e produção de arquivo do projeto, este material gravado em 2008, ficou em aberto, sem chegar ainda a etapa final de montagem e edição.

Havia o plano de prosseguir com gravações posteriores em outros anos. As gravações prosseguiram nos anos de 2011 e 2013, com mais dois membros na equipe de fotografia – Ádon Bicalho e Rafael de Goes – dando continuidade a este projeto.

PRODUÇÃO

A gravação e os movimento sociais

A produção do filme se concentrou em quatro anos de gravações que foram pontuais, 2008, 2011, 2012 e 2013.

A produção é a parte crucial da realização do filme, sem gravação não há montagem. Este é o momento da realização que serão feitos os registros fotográficos documentais, sonoros e a gravação do material imagético que compõem o imaginário do filme.

As gravações foram feitas em tempos alternados e espaçados, e por esta razão houve um rearranjo da equipe, totalizando duas equipes de produção em tempos diferentes.

Em 2008, a Marcha da Maconha foi proibida. No ano de 2011, também existiu coibição judicial da Marcha pelo Ministério Público do Distrito Federal. Em 2012, a manifestação transcorreu normalmente. Já em 2013 o debate sobre drogas encontrou algum avanço, quando foi realizado o *“1º Congresso Internacional sobre Drogas – Lei, Saúde e Sociedade”* no período que ocorreu a manifestação.

Podemos observar que o objetivo neste projeto não é discutir os benefícios ou malefícios do uso da *cannabis-sativa*, e sim dar voz a essa discussão em Brasília. É importante entender a relevância deste movimento, onde surgem espaços para o debate político e manifestações culturais dos mais variados seguimentos artísticos. Entre essas manifestações de alguns artistas, há a produção e divulgação de fotografias, livros, performances, músicas ou mesmo o registro documental em fotografia e vídeo.

Voltei a gravar o projeto de documentário em 2011, quando houve a segunda proibição da Marcha da maconha. A passeata ocorreu com a proposta de se realizar a Marcha pela Liberdade de Expressão, sendo assim, um recurso contra-judicial adotado pelos organizadores e manifestantes da Marcha da Maconha para que a manifestação ocorresse.

Neste ano de 2011, contei com a participação e contribuição dos cinegrafistas Ádon Bicalho e Rafael de Goes, compondo a equipe de Fotografia. Por um empecilho da vida, não pude comparecer no início do evento. Fiz então a orientação relativo à captura do material e as entrevistas, que foram feitas neste ano pelo cinegrafista e também produtor do filme, Ádon Bicalho. Já o cinegrafista Rafael de Goes, fez a captura do material das imagens de cobertura da Marcha relativo a este ano.

Como já foi dito, não havia um roteiro pré-definido, apenas um argumento e uma ansiedade para ver a história se desenrolar diante de nossos olhos. Era grande minha expectativa quanto a ideia de começar a dirigir meu primeiro documentário. Levei o projeto adiante como fonte de inspiração para escutar algumas histórias, aprender sobre a vida e poder desenvolver um método próprio de gravação documental, em que houvesse livre decisão por parte da equipe de filmagem quanto aos movimentos de câmera e improvisações, de maneira que pudessem surgir opções criativas e variadas de imagens para edição do material final no processo de montagem.

No ano seguinte, em 2012, voltei ao cenário da Marcha da Maconha e fiz o último registro de uma passeata que ocorreu sem grandes complicações novamente desempenhando o papel de cinegrafista da mesma maneira que em 2008.

O convívio entre os manifestantes e a força policial se tornou pacífico mediante ao volume que a Marcha ganhou e a tantos conflitos que o movimento enfrentou ao longo dos anos contra o poder judicial.

Ao retomar o processo de gravação, foi interessante observar que a luta histórica que traz a discussão da legalização de alguns entorpecentes considerados ilegais, reascendeu o debate sobre a liberdade de expressão.

O foco do documentário é registrar a questão da luta pela liberação do consumo de maconha, passando por esse processo de luta pela liberdade de expressão até a

consolidação de um movimento em procedimento ou mecanismo legal de protesto e intervenção na Capital Federal.

Mas isso, não ocorreu espontaneamente. Na primeira manifestação da Marcha, em 2008, compareceram não mais que 100 pessoas, mais precisamente 80 pessoas escoltadas com um efetivo de quase o dobro de policiais da Polícia Militar na época. Com o tempo, o convívio entre manifestantes e policiais ficou mais tranquilo, e até mutuamente colaborativo em alguns pontos da manifestação, tendo em vista que, de 2008 para cá, a Marcha da Maconha no DF ganhou volume de participantes chegando a marca de 5000 pessoas em 2012 e 7000 em 2013.

Na gravação foi priorizado o uso da câmera subjetiva, a panorâmica, além de planos plongée, detalhe, aberto, conjunto e médio.

PÓS-PRODUÇÃO

Montagem e edição: a emenda do filme, Tratamento de fotografia, regulação do som e trilha sonora

A pós-produção é o momento de reestruturação do roteiro a partir do material que foi possível ser produzido até então. Os registros feitos montam um outro filme daquele imaginado no primeiro roteiro, mas que ainda segue a ideia central do argumento inicial do filme. Revelando opiniões, imagens ensaísticas de foto-documentarismo e sons, conduzido pela linha narrativa de registros que se encaixam no tempo e espaço imagético do filme, que traz a proposta de uma viagem no tempo e no cenário, em que se passa a ação do filme.

A possibilidade de concatenação de ideias, fusão de sons e imagem, traz ao documentário um novo roteiro que será escrito pela linguagem da montagem e pela atenção aos elementos que expressem a história que se quer contar ou revelar.

Na montagem, devido a uma liberdade de improvisos, foi crucial ficar atento para a construção da linha narrativa do filme. Houve uma atenção maior quanto a alguns recursos e conceitos de linguagem: *Montagem inteligente*, *Diegese*, *Mise en scene*, *Racor*.

A montagem inteligente

A montagem intercalada, que une ideias distintas em congruência de sentido. Estes foi um dos recursos de linguagem utilizados na montagem, para construir a linha narrativa do filme “Marcha da Maconha – Brasília”. Uma maneira de contar a história em alguns momentos da diegese.

A diegese

A sincronia de imagem em movimento, o som, a montagem. A diegese é o que permite entender o filme em sua totalidade. É a sensação de experiência estética no tempo fílmico, que revela a tradução da ideia que o filme quer transmitir. É a complementariedade de ideias dentro do filme. É o que permite entender o espaço-tempo do filme. É a diegese que une tempos distantes (anos) no tempo do filme, de alguns minutos.

A mise en scene

A ideia de fluxo contínuo de pensamento, de atemporalidade e viagem no tempo são parte da mise en scene da montagem. A escolha de quadro gerais e planos próximos de locais e personagens reais em ação gestual ou verbal (entrevistas) é parte da mise en scene da fotografia. É a direção do realizador que escolhe o que entra em quadro e, por conseguinte, o que não entra.

O racor

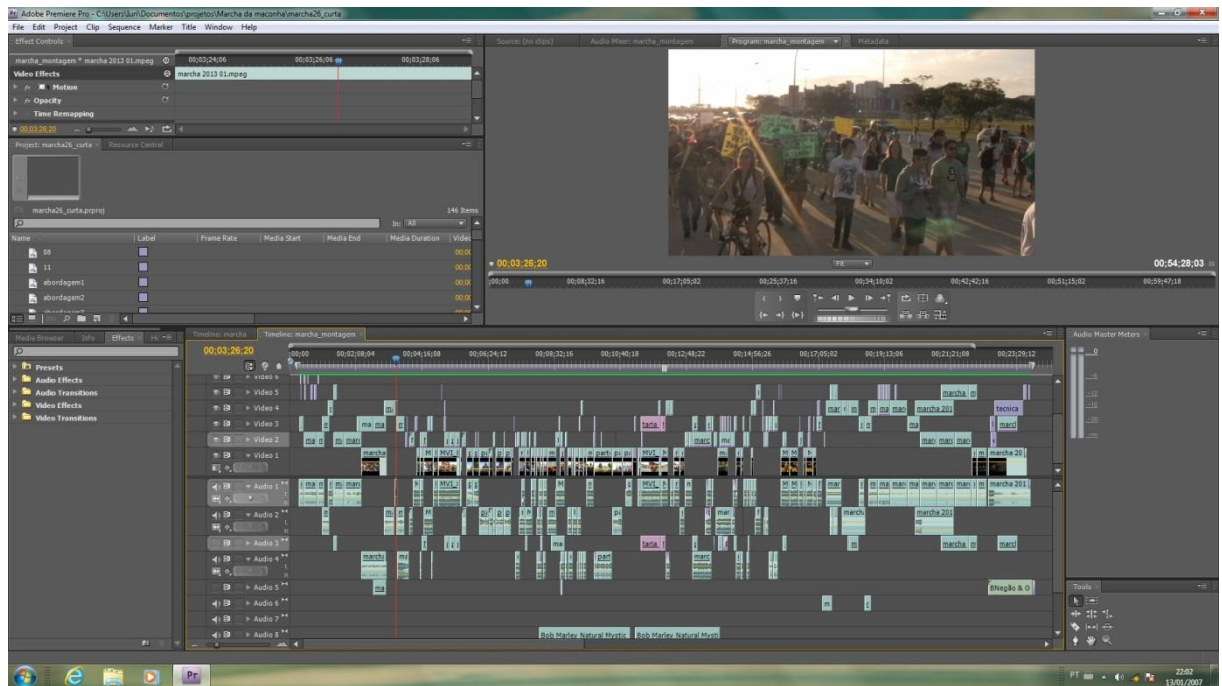
É o que transmite a ideia de continuidade de movimento, sincronia ou simultaneidade da ação entre 2 planos distintos, que registram a mesma ação.

Comecei a montar o curta-metragem sobre a Marcha da Maconha em 2011 e concluí em 2013. E a montagem do material começou a ser desenhada antes mesmo que tivéssemos concluído a captura de todo o material fotográfico.

Foram captadas entre 5 e 6 horas de material, que após pouco mais de 30 cortes na etapa de edição pude chegar a um filme-documentário ou produto final com um corte de 20 minutos. Foram alguns anos de trabalho que venho a concretizar em um curta-metragem que apresento neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Escolhi apostar em uma narrativa que fosse não só um mergulho no tema, mas na subjetividade do espectador, com uma montagem fluida, com uso da câmera subjetiva, sobreposições de sons, ruídos de gravação, som ambiente e trilha *background* (BG) com música de Bob Marley. Neste filme, a proposta é trazer algumas inovações estéticas, mantendo a construção da narrativa do documentário, e o foco no tema desenhado pelo cenário político e pela paisagem.

A seguir o filme na *time-line* de edição, para se entender um pouco da dinâmica da montagem do filme.



6. CONCLUSÃO

O projeto de documentário “Marcha da Maconha - DF”, pode contribuir para a história de um movimento importante e relevante no contexto da história da cidade de Brasília do Distrito Federal. E a história de um Estado de Direito laico de livre expressão.

O filme conta a história da Marcha e como esse Movimento se organizou para levantar suas reivindicações e propostas de 2008 e 2011, chegando até os dias de hoje, em 2013, configurando-se como um movimento da cultura popular com espaços livres de debate, troca de ideias e protesto da população. Tratando de temas de liberdade de expressão, argumentos científicos e cultura em uma discussão que acontece não só em Brasília no DF, como em outros Estados e países.

Este projeto ressalta a importância da observação, do olhar que pousa sobre a realidade, um recorte de um assunto que acontece na realidade. Um olhar atento e apurado faz-se necessário para entender o que acontece durante a produção de uma paisagem fílmica, uma lembrança do que aconteceu, uma história, através da técnica do cinema.

Em um segundo momento há um destaque à importância do argumento, sendo um texto condutor da história a ser contada, uma síntese do conteúdo narrativo que se quer exprimir. Neste projeto é a história da Marcha pela descriminalização da cannabis, ou Marcha da Maconha, em Brasília.

A experiência com a produção deste documentário abriu meus horizontes à importância de se realizar uma observação atenta às questões que mobilizam a sociedade, e ampliam o entendimento de coletividade.

7. AGRADECIMENTOS

Gostaria de reforçar meus agradecimentos às pessoas que ajudaram neste projeto direta ou indiretamente na gravação, produção e orientação do filme “Marcha da Maconha – DF – o documentário”. Aos profissionais Elias, Geovani, Laisa, Ig, Rafael e Ádon. E aos professores Marcos Mendes, Dácia Ibiapina, Érica Bauer e Caíque Novis: Professor Marcos Mendes que revelou aos olhos de seus alunos o universo do filme-documentário, não só como método, mas como visão cinematográfica sobre a realidade. Professora Érika Bauer quem sempre buscou aproveitar de cada aluno seu melhor potencial, quanto a aprendizagem e a criatividade em roteiro. A professora Dácia Ibiapina quem me auxiliou bastante nessa jornada final do meu TCC, no que condiz a orientação do projeto na etapa de pré-projeto do meu primeiro filme formalizado em Direção. E ao professor Caíque Novis, quem me apresentou inicialmente o contexto da linguagem cinematográfica, em Oficina Básica. Agradecimento à outros professores que não estiveram envolvidos diretamente neste projeto, mas que me auxiliaram no meu aprendizado no quadro do Departamento de Comunicação Social. E à todos, que me auxiliaram direta ou indiretamente, na produção do meu primeiro filme em Direção.

Agradecimentos especiais também às pessoas que contribuíram neste documentário, participando nas entrevistas: Sérgio Vidal, João, Bebel, Emerson, Jerônimo, Renato Cinco, Luisa e Danielle.

8. Filmografia sobre o tema ou objeto de pesquisa do documentário: filmes que de alguma maneira serviram de inspiração e referência para produção do filme “Marcha da Maconha – DF – o documentário”

Bicho de Sete Cabeças

Um adolescente sofre com a repressão dos pais, que encontram um baseado em sua roupas e por pressões sociais o enviam a uma clinica de reabilitação de métodos duvidosos, que faz no garoto um tratamento a base de eletrochoques.

Arido Movie

Um grupo de amigos viajam pelo sul da Bahia em uma aventura em busca de diversão e maconha.

Tropa de Elite

Um filme que conta uma historia sobre a politica anti-drogas da policia no combate ao narcotráfico na cidade do Rio de Janeiro. Na trama um policial que treina uma tropa e tem a preocupação de conseguir um substituto. Declarando um discurso anticorrupção e antidrogas.

Tropa de Elite 2

Um filme que conta uma historia de um policial no contexto da politica anti-drogas no contexto do Estado, da mídia e da própria policia no combate ao narcotráfico em um argumento equilibrado na trama por um professor universitário especialista que defende uma reflexão maior sobre o a política de combate as drogas.

Quebrando Tabu

Documentário com participação do ex-presidente FHC e médico Drausio Valera em um debate sobre a atual política anti-drogas que existe no Brasil.

Sites divulgados relacionados ao assunto do filme

www.marchadamaconha.org

www.cannacerrado.org

www.maconhanaroda.blogspot.com

www.proibirporque.blogspot.com

9. Referências bibliográficas

BRAGA, Maria Lucia Santaella. **Por que as comunicação e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2004.

CABRERA, Julio. **O Cinema Pensa - uma Introdução à Filosofia através dos filmes.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004; tradução autorizada de do idioma italiano do original L' età dei Diritti. XXXX Tradução de Carlos Nelson Coutinho; apresentação de Celso Lafer.

ANDREW, J. Dudley. **As principais teorias do cinema – uma introdução.** Rio de Janeiro. ZAHAR. Tradução de 1989 da versão original de 1976 *The Major Film Theories – An introduction.*

AUMONT, Jacques e Michel Marie. **Dicionário teórico e crítico de cinema.** Campinas, SP. Papyrus, 2003. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro de *Dictionnaire théorique et critique du cinéma*, Paris, 2001.

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de cinema e televisão – a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2009. Com primeira edição de 2007.

LOPES, Denilson. **A Delicadeza – estética, experiência e paisagens**. Brasília, Editora UnB, 2007.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2001. Com tradução de Alvaro Ramos do original **Screenplay** de 1979, 1982.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo – História, Teoria e Prática**. Rio de Janeiro, Campus, 2007. Tradução de **The Technique of Film and Video Editing: History, Theory and Practice**. USA, Elsevier Science, Focal Press, 2002.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro – teoria e prática**. São Paulo, Summus Editorial, 2009.

ARANHA, Maria. **Filosofando – uma introdução à Filosofia**